

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

VIVIANE MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS

MEMORIAL ACADÊMICO

ALFABETIZAÇÃO: a importância da relação entre aprendizagem e afetividade

PATOS DE MINAS

2021

VIVIANE MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS

MEMORIAL ACADÊMICO

ALFABETIZAÇÃO: a importância da relação entre aprendizagem e afetividade

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância da
FACED/UFU como exigência parcial para obtenção do
título de licenciado/a em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Maria Irene Miranda

PATOS DE MINAS – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que está sempre me amparando em todos os momentos e que está em todos os lugares por mim e minha família.

A minha mãe Magda Basílio de Oliveira, que sempre é a primeira a acreditar em mim até mesmo quando estou pensando em desistir de tudo. É uma pessoa iluminada que me enche de amor todos os dias.

Ao meu filho Nycolas, que é a alegria da minha vida e que me traz a vontade de continuar e correr atrás das coisas simplesmente porque ele existe. Te amo mais que tudo.

Ao meu marido Paulo Cavalcante Lima que é uma pessoa que me motiva e me incentiva a acreditar no meu potencial e que sempre enaltece essa profissão maravilhosa escolhida por mim.

Ao meu irmão João Paulo, que mesmo que não se interesse por estudos, está sempre me motivando na minha escolha.

Ao meu psicólogo, que não desistiu de mim e me fez querer viver a vida mais leve e de uma maneira melhor.

Aos meus amigos Ivone, Paula, Marcelo, Ana Lúcia, Shirley e Kelly que me motivam a sempre continuar e que enchem meu coração com palavras de incentivo e amor.

A minha professora do 4º ano do ensino fundamental, de quem lembro com saudades, que me motivou a acreditar em mim mesma, e me fez ver que eu era capaz de conquistar e aprender o que eu quisesse.

A minha tutora Márcia, que é sempre solícita, bondosa e extremamente responsável na área em que escolheu atuar, obrigada pelos seus incentivos, mesmo nas vezes que pensei em desistir.

À Universidade Federal de Uberlândia, por ter me dado a oportunidade de conhecer esse curso lindo e que já me traz várias oportunidades no presente e me deixa cada vez mais feliz em ter escolhido esta área.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso traz o relato das memórias que vivi desde a minha infância até os tempos atuais na educação e minhas poucas experiências profissionais na área. Posteriormente abordo sobre a importância da afetividade no processo de alfabetização, na relação professor aluno para melhores resultados escolares e aumento do interesse pelas disciplinas, principalmente na alfabetização. A organização do texto está em ordem cronológica. Algumas lembranças me trouxeram muita nostalgia, mas outras me trouxeram muita tristeza e acabei chorando em alguns relatos. Refletir sobre o nosso passado, muitas vezes pode nos ajudar a nos compreender no presente e até mesmo no futuro. Tanto as experiências boas como as ruins me trouxeram onde me encontro hoje. Cada dia mais me sinto em um caminho que me faz ter a certeza de que estou caminhando para o lugar que sempre quis estar e com as pessoas que devem ser nesse momento.

Palavra-chave: Vivências, reflexões, alfabetização, afetividade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Seção I.....	6
FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	7
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	9
INTRODUÇÃO – Seção II	13
O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	13
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho acadêmico se refere ao TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do Curso de Pedagogia a Distância da FAGED/UFU (Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia). No referido Curso o TCC é de caráter obrigatório, sendo uma forma de avaliação para o final do curso, quando escolhemos um tema do nosso interesse e fazemos pesquisas para nos aprofundarmos no tema do trabalho.

Para Pereira (2010p.2) o TCC “trata-se de um trabalho que tem a função de preparar o aluno para a pesquisa, desenvolve o seu senso crítico, direcionando para a interdisciplinaridade, aumenta a sua capacidade de análise, proporciona uma inserção mais confiante no mercado de trabalho quando estes elementos chaves são priorizados”.

Um TCC pode ser elaborado sob diferentes formatos, monografia, artigo, portfólio, memorial etc. Este trabalho vem para enriquecer nosso currículo e para nos fazer ter novas experiências com a produção de trabalhos científicos. No curso de pedagogia a distância da FAGED/UFU a modalidade do TCC é o memorial.

Um memorial consiste no relato de memórias vivenciadas no decorrer da vida de uma pessoa, e no presente TCC apresento informações sobre minha vida acadêmica desde o início, até chegar ao curso de Pedagogia da UFU. Nesse sentido. Almeida (2016 p. 1058) destaca:

Histórias de vida são estratégias relevantes para repensar a formação como um processo de reflexão sobre percursos e experiências vividas (NÓVOA, 2010), podendo englobar a totalidade da vida de uma pessoa ou uma trajetória pontual da sua história. Em uma abordagem biográfica ou experiencial (JOSSO, 2006), constitui-se como instrumento de reflexão, produção e depuração de conhecimentos sobre a própria prática.

Escrever um memorial pode nos trazer diversos tipos de sentimentos e nostalgia de tempos passados. É necessário que reflitamos nosso passado para muitas vezes compreendermos nosso presente e construirmos um futuro melhor.

Este trabalho tem como objetivo recordar e compartilhar minha trajetória desde os anos iniciais até o presente momento, trazendo um tema que corresponde ao que enfrentei quando mais nova na escola, também me fazendo refletir sobre como posso ajudar alguns alunos que apresentam problemas na aprendizagem, buscando a relação entre o aprender e a afetividade.

Na sequência, apresento neste memorial, minha trajetória acadêmica, seguida de minhas experiências profissionais na área educacional (seção I). Posteriormente abordo o referencial teórico que embasou minhas reflexões sobre a temática de meu interesse, relacionada ao processo de alfabetização (seção II).

FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nesta parte do trabalho discorro sobre minha trajetória acadêmica e os caminhos que me levaram a optar pelo aprofundamento dos estudos na área da alfabetização. Para tanto começo me apresentando.

Sou natural de Patos de Minas, cidade em que cursei a educação básica. Comecei aos cinco anos de idade, na “Escola Municipal Frei Leopoldo”, no ano de um mil novecentos e noventa e oito. Nessa época quase não me aceitaram por causa da idade, pois, eu faria seis anos somente em agosto, chorei bastante e depois resolveram me aceitar. Já entrei na escola alfabetizada e incentivada a ler.

Fiquei nessa escola, adorava a professora Maraísa e os colegas de sala, Rodrigo e Jaqueline eram meus melhores amigos, por um ano e meio. Com a mudança de bairro, em agosto de um mil novecentos e noventa e nove entrei na “Escola Estadual Cônego Getúlio”, para ingressar no primeiro ano do ensino fundamental, permaneci por somente duas semanas, essa escola não me fez bem, pelas condições sociais dos outros colegas serem melhores que as minhas, fazendo com que debochassem dos meus materiais e dos meus calçados, assim fui matriculada na “Escola Estadual Deiró Eunápio Borges” e fiquei por nove anos e meio.

Minha primeira professora nesta escola foi a dona Fátima, com quem estudei por pouco tempo. Tive dificuldades, pois a escola municipal onde estudava não havia trabalhado os conteúdos, portanto eu não sabia fazer cálculos básicos e nem interpretar textos, todos os meus conceitos foram B. Senti que a professora não deu muita importância a isso. Minha mãe se esforçou para que eu fosse aprendendo.

Nos anos de dois mil e dois mil e um tive uma mesma professora, de segunda e terceira séries, se chamava Isabel. Ela me chamava de lerda por eu ter mais dificuldades de acompanhar as matérias em relação aos outros alunos, nesses dois anos fui ficando muito tímida, a ponto de achar difícil pedir a professora para ir ao banheiro, eu tinha ansiedade, mas demoraram anos

para que eu procurasse ajuda psicológica. Esta professora me colocava para fazer atividade em dupla com uma aluna que zombava dos meus materiais, do meu cabelo e dos meus sapatos. Ela falava que eu a estava incomodando e a professora chamava a minha atenção, eu sentia como se ela tivesse raiva de mim. Foram dois anos que odiei ficar na escola.

No ano de dois mil e dois, na quarta série do ensino fundamental, minha professora era a Lourdes, foi um anjo na minha vida, fez com que eu sentisse que era importante e capaz de aprender. Nesse ano meus conceitos melhoraram, e além da professora, minha mãe também me ajudava com bastante empenho, foi o ano onde comecei a tirar A em todas as matérias e a fazer os melhores trabalhos na escola, um deles inclusive se encontra arquivado na escola, sobre a copa do mundo de futebol de dois mil e dois. Essa professora me fez melhorar a autoestima e é alguém que tenho saudades. Ela me colocou no ano seguinte, na melhor sala de quinta série da escola.

O período de dois mil e três a dois mil e seis foi muito bom na minha vida escolar, minhas notas permaneceram ótimas, embora eu tivesse muita dificuldade em português e levasse mais tempo para aprender. A matéria que eu me saia bem era inglês, a professora Regina é uma das que me lembro com saudades e que tinha naquela época uma metodologia diferenciada de ensinar e de nos fazer aprender, utilizando metodologias lúdicas para ensinar. Neste período fiz minhas duas melhores amigas, Ivone e Paula, que permanecem comigo ainda hoje, mesmo depois de tanto tempo, nossas vidas tomaram rumos diferentes, mas sempre procuramos nos encontrar quando possível.

No ano de dois mil e sete, eu e minha amiga Paula fomos matriculadas em uma escola famosa no centro da cidade chamada de “Escola Estadual Marcolino de Barros”, a minha amiga Ivone foi para outra instituição. Nessa escola, minha ansiedade voltou com força total, minhas notas caíram muito e permaneci na média em noventa por cento das matérias. Sentia-me sozinha e não procurava me enturmar com ninguém, sentia falta das minhas duas melhores amigas e elas “seguiram” suas vidas e eu com sentimento de que elas haviam me esquecido para serem amigas de outras pessoas.

Em dois mil e oito e dois mil e nove retornei para a “Escola Estadual Deiró Eunápio Borges”, na expectativa de que meus colegas antigos me fariam bem, e que talvez as coisas voltassem a ser como antes. Arrependi-me muito em ter voltado. As coisas não continuaram como antes, me sentindo cada vez mais sozinha e foram dois anos em que fiquei totalmente deprimida e isolada. Muitas vezes meus amigos combinavam de se reunir ou até de ir ao cinema

e não me convidavam; por eu ser tímida demais e eles mais extrovertidos. Nessa época quando sai da escola agradeço a Deus. Até nos tempos atuais, eles fazem reuniões e só vejo as fotos. Resolvi me afastar dessas pessoas e não ver mais nada delas nas redes sociais, para evitar que eu me entristeça. Alguns desses relatos me fizeram chorar, mas alguns também me trouxeram grande alegria.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

No ano de dois mil e dez fui chamada para trabalhar como monitora de informática na “Escola Municipal Jacques Corrêa da Costa”, convidada pela minha professora de educação física, dona Marilda, da qual sinto saudades do tempo que fui sua aluna na “Escola Estadual Deiró Eunápio Borges”. No ano de dois mil e nove eu havia feito um curso de Linux (Sistema Operacional Livre), com a profa. Marilda, então me ofereceu essa oportunidade. Permaneci nesse trabalho até o ano de dois mil e treze e gostei de estar em sala de aula.

Em dois mil e quatorze trabalhei como monitora de informática em um projeto social do Centro Espírita “Casa da Sopa”. Ao mesmo tempo em que ministrava aulas de informática, reservava uma hora para auxiliar alguns alunos do segundo ano do ensino fundamental em realizar suas tarefas, esses alunos também eram da “Escola Municipal Jacques Corrêa da Costa” e não sabiam ler, mas escreviam muito bem, olhando as palavras no quadro e passando para o caderno, sabiam ler somente seus nomes.

Em dois mil e onze havia pensado em fazer o vestibular de Pedagogia na UNIPAM, faculdade privada de Patos de Minas, mas por pressões da família para fazer um curso que me “desse mais dinheiro”, acabei prestando vestibular para o curso de Sistemas de Informação. Na mesma época a UFU trazia três cursos para Patos de Minas e resolvi prestar vestibular para Biotecnologia, fui aprovada, mas resolvi cursar Sistemas de Informação. Nesse curso permaneci por quatro anos e meio, e em um dos anos tive que parar a faculdade, pois estava de dependência em cinco disciplinas. Não estava gostando do curso, mas a família e amigos insistiam para que eu continuasse, pois seria bom para mim. O dia em que resolvi sair, não consultei ninguém e fui há secretaria para fazer a desistência. Foi um dia de muito alívio e alegria. O que o curso de Sistemas de Informação me trouxe de bom foi meu amigo Marcelo, que me motivava e me fazia os elogios mais sinceros, com todo o respeito.

Alguns meses depois da desistência do curso resolvi procurar um psicólogo para trabalhar a questão da minha ansiedade, e outros diversos problemas que enfrentei durante minha infância com meus familiares e com o meu pai, que foi um grande causador de muitas tristezas em minha vida. Permaneci com o psicólogo por um ano e três meses, iniciei em novembro de dois mil e quinze e fui até fevereiro de dois mil e dezessete. Por meio da psicoterapia pude ver a vida com mais leveza e ter perspectivas de um futuro melhor. Hoje em dia não sinto mais ansiedade, quando tenho sintomas ansiogênicos procuro voltar nas reflexões propiciadas por meu psicólogo.

Em dois mil e dezessete, no site da Prefeitura de Patos de Minas, saiu a notícia de que a UFU ofertaria alguns Cursos à Distância na cidade, resolvi me inscrever no vestibular de Pedagogia, e fui aprovada, o que me deixou muito feliz pela minha conquista. Para me preparar para o vestibular eu estudava exercícios resolvidos pelo YouTube com vários professores de português e em alguns livros que pegava na Biblioteca Municipal da cidade. Para mim foi uma conquista grande, pois o vestibular foi muito difícil e sempre tive dificuldades em português.

Dediquei-me bastante no primeiro semestre do curso, procurava sempre não atrasar os exercícios e enviava dentro dos prazos, mesmo trabalhando em período integral. No segundo semestre, também vinha bem nas atividades, até que no dia dezoito de setembro de dois mil e dezoito, descobri que estava grávida. Meu desempenho começou a cair, e a partir do nascimento do meu filho Nícolas, em treze de maio de dois mil e dezenove, comecei a atrasar muito as atividades e pensava em desistir do curso. Nessa época sentia muito ciúmes do bebê e queria o tempo todo ele só para mim. Não recebia a ajuda do meu marido nem com o bebê e nem com as atividades domésticas e acabava deixando as atividades para depois. Neste ano fiquei em dependência em duas disciplinas e cheguei a falar com minha tutora que iria desistir do curso. No entanto ela me encorajou a continuar e deu um prazo maior para que eu realizasse as atividades, assim consegui terminar esses dois semestres. Neste ano conheci Ana Lúcia, também aluna de Pedagogia, mas da outra tutora, uma menina maravilhosa e inteligente que está sempre disposta a ajudar.

Em dois mil e vinte estava muito empenhada e empolgada em começar os estágios, mas em março, a pandemia da Covid 19 chegou ao Brasil, e todas as escolas foram fechadas. O vírus desconhecido se espalhava e propagava rapidamente, sendo mais letal em pessoas idosas. A pandemia graças a Deus, não fez a minha ansiedade voltar, mas eu estava desempregada e me sentia triste por isso, ficar em casa estava me matando, apesar de poder ficar mais tempo com

meu filho, ainda assim sentia que queria voltar a trabalhar. Meu desempenho começou novamente a cair e o atraso na entrega das atividades estava frequente, mas dessa vez tive que começar a fazer no prazo, pois já não havia mais chances e mais prazo para as atividades. Consegui completar o ano, mas não consegui realizar o estágio em na escola em que pretendia realizá-lo. Tanto a funcionária da secretaria como o diretor e a supervisora, não puderam me ajudar com a realização das atividades. A escola funcionava somente no período da manhã e neste horário não havia ninguém que pudesse ficar com meu filho.

No ano de dois mil e vinte e um fiquei mais esperançosa em querer fazer os estágios e resolvi que deixaria para trabalhar somente no ano de dois mil e vinte e dois. Mas em abril surgiu a oportunidade de um emprego integral em uma escolinha particular chamada “Carequinha”. Comecei a trabalhar na escolinha no dia quatorze de abril, fiquei por um dia e no outro dia a diretora resolveu que a escolinha só retornaria no dia três de maio, pois seis funcionárias da escola testaram positivo para a Covid 19 neste mesmo dia.

A vaga que consegui era para monitora de recreação e no período da tarde auxiliar um aluno autista de grau severo na turminha do segundo período, levá-lo para lanche e para ir ao banheiro. Esse dia foi tão cansativo que já estava pensando em desistir, mas com o recesso resolvi que deveria continuar, pois aquele só havia sido o primeiro dia. Nesses dias procurei saber sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista) para realizar atividades corretas com o aluno de seis anos e para melhor auxiliá-lo na sala de aula, até então eu só havia tido uma experiência curta de dois meses com uma aluna com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), no projeto social da “Casa da Sopa”.

Assim que as aulas voltaram o aluno autista faltou por uma semana e eu fiquei como auxiliar de uma professora do Maternal Dois. A diretora me informou que eu não ficaria mais com o aluno autista do Segundo período, pois entraria um outro aluno autista no Maternal Dois no dia seguinte e que ele seria mais fácil de lidar, assim eu auxiliaria este aluno nas aulas, no lanche e na troca de fraldas. O aluno tem três anos e meio. Ele fala algumas palavras e sua interação é somente para pedir comida e suco, e a mãe dele informou que já havia algumas semanas que ele estava rejeitando água e aceitando somente suco. É uma criança alegre na maior parte do tempo, mas não consegue permanecer por muito tempo sentado, sendo agressivo com alguns alunos quando se aproximam muito de mim. Atualmente temos um novo aluno que está sendo avaliado sob a hipótese de autismo.

Essa turminha em que estou é bastante agitada, os alunos nas idades de dois anos e três anos e meio não mantêm o foco atencional por muito tempo, o que é normal nessa faixa etária. Segundo Franzoloso (2011):

É válido destacar que a agitação motora é uma característica inerente ao desenvolvimento das crianças nesta faixa de idade que precisam brincar, se movimentar e criar para extravar a energia. Sendo assim, o silêncio absoluto não pode ser considerado uma característica fundamental e saudável nesta etapa de ensino, por isso, consideramos que nesse nível educacional, a conversa paralela (que é uma das mais frequentes expressões de indisciplina nos anos educacionais mais avançados), por exemplo, não deve ser identificada como indisciplina, visto que, nessa etapa de ensino, a convivência entre pares e as conversas e discussões em grupos devem ser estimuladas. No momento das atividades ou dos cantinhos da leitura, por exemplo, as crianças se concentram por um determinado tempo (7 a 15 minutos, dependendo da faixa de idade do grupo), mantendo a sala de aula mais silenciosa, já em outros momentos, a movimentação e o barulho podem ser esperados. FRANZOLOSO (2011, p. 1878).

Há também um aluno que morde nas outras crianças frequentemente e que bate quando vê alguma oportunidade. Devemos ficar atentas a ele.

A experiência com o aluno especial está despertando em mim a vontade de fazer pós-graduação em Neuropsicopedagogia, para atuar no sentido de superar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, conforme suas especificidades, também para procurar entender mais profundamente como o cérebro funciona na aprendizagem, a área da psicologia é outro interesse que tenho. No decorrer do curso, as matérias que mais me identifiquei foram: Tópicos em Psicopedagogia, Psicologia da Educação e Expressão Lúdica. Estou investindo em um curso livre em Neuropsicopedagogia, de cento e dez horas, para conhecer melhor a área e estou gostando bastante.

Na escolinha em que trabalho a alfabetização é prioridade desde os dois anos de idade da criança, mas com conteúdo lúdico para que ela possa desenvolver e aproveitar ao máximo a infância. Todos os dias contamos histórias e deixamos que manuseiem livros e até mesmo revistas “lendo” as histórias com a imaginação solta e através das figuras.

Meu interesse na alfabetização se deve à minha experiência com os alunos de informática da “Casa da Sopa”, onde pude por algum tempo ensiná-los a ler para realizarem suas tarefas com autonomia; e para que conseguissem fazer pesquisas na internet sozinhos.

Posteriormente abordo o referencial teórico que embasou minhas reflexões sobre a temática de meu interesse, relacionada ao processo de alfabetização e sua relação com a aprendizagem e afetividade (Seção II).

INTRODUÇÃO

No texto que se segue, venho abordar sobre o que é alfabetização e sobre como esse processo pode ser mais prazeroso quando na relação professor – aluno a afetividade é valorizada, aumentando o interesse dos alunos pelas disciplinas e pelo aprendizado, evitando, muitas vezes, a evasão escolar.

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização como era oferecida antigamente – memorização, aprender sobre as letras, para posteriormente aprender a formar sílabas e construir palavras – não se encaixa mais nos moldes atuais no desenvolvimento da escrita e da leitura.

O paradigma interacionista traz contribuições para a atualidade, preconizando que as práticas alfabetizadoras devem superar a rigidez das metodologias analíticas e sintéticas, para a aquisição da leitura e da escrita. Como alfabetizar é complexo, é preciso que a família, os professores e as crianças participem ativamente deste processo, que ocorre de maneira social e afetiva durante a infância.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) considera que nos dois primeiros anos do Ensino fundamental os estudantes precisam entender o alfabeto, o sistema da escrita e da leitura. Alfabetizar significa ensinar a ler e a escrever. Ao lado da alfabetização está o letramento, que se refere ao uso das condições práticas e sociais da leitura e da escrita. Um indivíduo letrado, não sabe apenas ler e escrever, mas sabe fazer uso desse conhecimento na sociedade.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a leitura é definida como:

É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. (PCNs, 1997, p. 53).

O ambiente em que as crianças vivem influencia na aprendizagem do alfabeto. As crianças que vivem em um ambiente com muitas referências, onde os pais desde cedo já incluem livros para ensinar, leem jornais, livros e revistas; essas crianças tendem a se interessar pela leitura, aumentando sua criatividade e seu interesse em posteriormente aprender a ler e a escrever. Crianças com poucas referências em casa podem encontrar dificuldades no processo de aprendizagem e terão pouco interesse em ler e escrever.

Segundo Dias (2017):

Para que o indivíduo aprenda a ler o que lhe é apresentado graficamente esta mesma leitura precisa ter um significado para ele; é preciso que compreenda que existe um sentido no sistema de representação, entendendo a natureza desse sistema e as possibilidades de uso oferecidas através dele, o que viria a ser uma quebra com a limitação imposta pela constante fragmentação de palavras e textos no processo de alfabetização. (DIAS, 2017, p. 4).

Emília Ferreiro e Ana Teberosky no livro *Psicogênese da Língua Escrita* (1999) explicam sobre a aprendizagem associacionista na aquisição da leitura e da escrita; as crianças têm tendência à imitação, no meio social que as cerca, há a tendência de selecionar as emissões vocálicas “que correspondem a sons ou pautas sonoras complexas (palavras) da linguagem própria desse meio social.” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 21)

Quando a criança imita um som que foi reproduzido pelos seus responsáveis, estes têm manifestações de alegria, fazendo gestos de aprovação, demonstrando carinho pela criança. Assim o meio vai selecionando o grande repertório de sons iniciais saídos da boca das crianças, somente os que correspondam aos sons da fala adulta. Para que esses sons se convertam em palavras, é preciso que eles deem algum significado. No modelo associacionista o problema é resolvido da seguinte maneira: há a apresentação de um objeto pelos adultos, que vem acompanhada de uma emissão vocálica; com a associação entre a emissão sonora e a apresentação do objeto, uma termina por transforma-se em signo da outra, se transformando em uma “palavra”. Ferreiro e Teberosky (1999) apresentam uma visão diferente do processo:

No lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto mas sim criação original). No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por

outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 22)

Crianças que desde tenra idade, que é incentivada a ter hábitos de usar lápis e papel em casa, registram tentativas claras de escrever, que são diferenciadas das tentativas de desenhar, desde a época das primeiras garatujas, ou antes, por volta dos dois ou três anos de idade.

As primeiras tentativas de escrita são de dois tipos: traços ondulados contínuos, que se parecem com a letra m em cursiva, ou uma série de pequenos círculos ou de linhas verticais. Desde esse momento, a escrita já existe na criança: a maneira de escrever aos dois anos e meio ou três, ainda que a semelhança com a escrita do adulto não seja global, os dois tipos básicos de escrita aparecem: a escrita ondulada contínua e riscos verticais descontínuos. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999).

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança passa por um processo de aquisição da escrita que contém cinco fases: pré – silábica, intermediária, hipótese silábica, hipótese silábica alfabética e hipótese alfabética.

Na hipótese pré – silábica não existe diferenciação da grafia de uma palavra e outra, os traços são semelhantes entre si, nessa fase a escrita não é considerada como uma forma de comunicação. Somente a criança entenderá o que está escrito. Por exemplo, se a criança escrever elefante ou passarinho, os traços maiores representarão o elefante e os menores o passarinho.

Na hipótese intermediária a criança começa a ter consciência de que existe alguma relação entre a pronúncia e a escrita, desvinculando a escrita das imagens, dos números e das letras. Suas produções representam avanços se comparados com a hipótese anterior, mas demonstra estabilidade quando escreve seu nome ou palavras que teve interesse de gravar.

Na hipótese silábica as letras começam a ser usadas com valores silábicos fixos, o que provoca na criança conflitos da nova fase com a anterior, fazendo com que tenha um avanço conceitual. A criança começa a dar valores sonoros às letras, escrevendo sinais de acordo com a emissão oral, cada sílaba oral corresponderá a uma letra ou a um sinal.

Na hipótese silábica alfabética, a criança busca por símbolos para representar objetos, tentando apresentar ao máximo a representação sonora da gráfica. Deste modos, a criança pode combinar vogais e consoantes em uma mesma palavra, tentando ajustar os sons, mas a escrita ainda não é socializável.

A última hipótese é a alfabética, a criança já compreende que a escrita tem a função social da comunicação. Mesmo que nesta transição algumas letras possam ser omitidas e algumas

palavras não serem separadas nas frases, ela já demonstra que conhece como a escrita é construída, sabendo que cada um dos caracteres corresponde a valores menores que as sílabas, conhecendo os valores sonoros de todas ou quase todas as letras, não havendo problemas com o conceito da escrita.

Devem ser feitas sondagens dessas hipóteses de tempos em tempos, na forma de ajudar os alunos em cada fase, por vezes separando os alunos em grupos com hipóteses iguais, para serem trabalhados para irem para outras fases.

O processo de alfabetizar está além de somente ensinar um aluno a ler e a escrever; para Grispino (2005):

Alfabetizar não é só ensinar a ler, a escrever, a contar. É desenvolver a habilidade de pensar, de raciocinar, de criticar, é levar o aluno a uma leitura de mundo, com sua interpretação e sua participação efetiva. Essa leitura se faz pela palavra, por isso o professor deve aperfeiçoar no aluno a comunicação, definir as habilidades que espera ver definidas, privilegiar a interpretação e o raciocínio. (GRISPINO, 2005, p. 2)

Deve haver trocas e muito diálogo entre os professores e os alunos na alfabetização. Silva (2021) salienta que:

O ato de alfabetizar não deve estar somente em um sujeito alfabetizado, nem sempre este é um sujeito letrado, o meio educacional não deve somente dar a habilidade de ler e escrever, mas sim de serem sujeitos praticantes da prática da leitura e da escrita, conforme seu meio social em que o mesmo se encontrasse inserido. SILVA (2021, p. 22).

O contexto social do aluno, suas dificuldades e individualidades são importantes para que os professores saibam a melhor maneira de ensinar. Dweck (2017, p. 226) aponta que os professores “entendam a importância de tentar novas estratégias quando a que estão usando não está funcionando.”

Existem muitos modelos de alfabetização, professores estão usando diferentes recursos nas salas de aula, como fichas de alfabetização, recursos feitos com E.V.A., jogos, imagens etc. Muitos alunos, ainda não se adaptam a esses diferentes recursos. Para Dias (2017):

A prática alfabetizadora nem sempre é compatível com as necessidades existentes nesse processo, pois as atividades, muitas vezes, menosprezam o conhecimento da criança, pois existem crianças que chegam a escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas e importantes, mas se decepcionam. Todas as crianças necessitam da escola para apropriar-se da escrita, o que nem sempre acontece, pois esta acaba sendo mera reprodutora de signos estranhos. (DIAS, 2017, p. 1).

As ações pedagógicas que tem como foco a alfabetização, devendo garantir amplas oportunidades para os alunos se apropriarem da escrita alfabética, ampliando seus horizontes e a visão sobre a escrita e a leitura, com práticas diversificadas, que incentivem sua criatividade, pensamento em sala de aula e fora dela. Nesse sentido, a afetividade entre professor e aluno fará diferença no ensino e na aprendizagem.

Considerando a importância da afetividade, a família e a escola precisam caminhar juntas no processo ensino – aprendizagem. A família é o primeiro vínculo afetivo que a criança tem no mundo, ela reproduz valores e padrões culturais do indivíduo, normas éticas, regras sociais e a construção do caráter da criança, modos de pensar e hábitos. Para Chalita (2001), todo projeto educacional sério, depende da participação da família: “em alguns momentos, apenas do incentivo; em outro, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola” (CHALITA, 2001, p.18). Muitas crianças são protegidas e tem esse apoio desde o nascimento, já outras são jogadas à própria sorte.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A afetividade é um caminho promissor na aquisição dos conteúdos escolares. O educador Henri Wallon (1879 - 1962), assim caracteriza a afetividade:

O termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. (SALLA, 2011 p. 3)

Em sua teoria psicogenética Wallon ressalta a importância da afetividade na relação entre professor – aluno. O autor baseou-se na teoria evolucionista de Charles Darwin, onde começou seu interesse pela genética e seus estudos sobre as emoções básicas do ser humano. Wallon acredita que a inteligência não é o principal fator para o desenvolvimento de uma criança, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões – motora, afetiva e cognitiva – que atuam juntas no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Wallon divide o desenvolvimento em cinco etapas: impulsivo emocional; sensório – motor e projetivo; personalismo, categorial; puberdade e adolescência. Neste processo a afetividade e a inteligência se alternam. Para Salla (2011):

No primeiro ano de vida, a função que predomina é a afetividade. O bebê a usa para se expressar e interagir com as pessoas, que reagem a essas manifestações e

intermediam a relação dele com o ambiente. Depois, na etapa sensório-motora e projetiva, a inteligência prepondera. É o momento em que a criança começa a andar, falar e manipular objetos e está voltada para o exterior, ou seja, para o conhecimento. Essas mudanças não significam, no entanto, que uma das funções desaparece. (SALLA, 2011, p. 2)

A afetividade para Wallon se manifesta de três maneiras: através da emoção, do sentimento e da paixão. Essas são manifestações que estão presentes durante toda a vida dos indivíduos e vão se modificando no tempo. Para o educador, a emoção, é a primeira expressão da afetividade. Ela não é controlada pela razão. Muitas vezes tomamos decisões movidos pelo impulso, o que pode explicar as emoções. O sentimento é um processo mais cognitivo, a pessoa consegue organizar seus sentimentos para expressar o que está sentindo. A paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo. Um exemplo é quando o indivíduo precisa sair de uma situação de perigo, dominando seu medo. Dentre essas três manifestações, Wallon vê a emoção como uma das mais expressivas na afetividade.

A partir dessas considerações sobre a afetividade na perspectiva walloniana e com base na temática em estudo, pode-se afirmar que os professores devem se atentar à importância da afetividade em sala de aula, demonstrando aos alunos que acreditam em sua capacidade de aprender.

A escola muitas vezes é o local que alguns alunos veem como uma família, se afeiçoando aos professores e colegas de sala, pois nem sempre encontram afeto no contexto familiar, portanto o carinho e o diálogo são fundamentais no ambiente escolar.

De acordo com os princípios wallonianos é possível afirmar que a escola deve estar comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos, nos aspectos motor, intelectual, afetivo e social, vendo a criança como um todo, sendo capaz de interagir e conviver consigo mesmo na sociedade.

A pedagogia do professor deve envolver o afeto, a empatia e a compreensão, para estabelecer relações saudáveis que favoreçam o aprendizado diariamente. Um professor que demonstra a importância do afeto para mudar a realidade dos alunos e para que eles consigam aprender melhor, é o professor norte – americano Ron Clark, que teve sua história contada no filme - O Triunfo. Clark enfrentou o desafio de lecionar em uma sala de aula no bairro de Harlem em Nova York, que era considerada a pior turma do país, onde os alunos tiravam as piores notas, era a sala mais indisciplinada, com alunos com diversos problemas familiares e muitos deles não tinham o apoio tanto da escola como da família, nesta sala já haviam passado seis professores até a chegada do professor Clark.

Foi um desafio para o professor, mas ele não desistiu. A primeira coisa que fez antes do início das suas aulas, foi conhecer os familiares dos alunos para compreender em qual contexto viviam, para poder planejar suas aulas e entender as dificuldades de cada aluno. No início os alunos ficaram relutantes com os métodos do professor, que aos poucos foi mudando as metodologias para conquistar os alunos. Os alunos que estavam com dificuldades nos estudos, tiveram aulas particulares com o professor, que tinha tempo para eles até nos finais de semana. Clark utilizou desde músicas e até cartas de baralho para ensinar os alunos.

No final do ano letivo, o professor conseguiu elevar as notas dos alunos, que tiveram as melhores notas em todo o estado de Nova York. Uma das suas alunas que foi a que mais o desafiou ficou em primeiro lugar no estado inteiro. O professor não só valorizava as notas que os alunos tiravam, mas se preocupava com a realidade deles e os incentivava para que aprimorassem seus talentos, como nas artes e pular cordas.

Com os estudos realizados, foi possível concluir que aprendizagem e afetividade na relação professor aluno quando caminham juntos, favorecem no rendimento dos alunos e no seu interesse pelas aulas. Usar diferentes recursos em sala de aula respeitando a individualidade de cada aluno é necessário, pois cada um traz experiências diferentes e possuem maneiras diferentes de viver. “Crianças aprendem melhor quando gostam de seu professor e quando sabem que seu professor gosta delas.” (Filme – O Triunfo)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escrita do memorial que o tema sobre a importância da afetividade na aprendizagem da alfabetização foi escolhido. Algumas memórias trouxeram tristezas, mas foram necessárias para que meus futuros alunos sejam tratados de forma empática e respeitosa em sala de aula, sempre priorizando seu bem estar.

Este estudo permitiu conhecer as teorias sobre a alfabetização e sobre como ocorre este processo, uma vez que a leitura e a escrita abrem caminho para o conhecimento. Ensinar uma criança a ler e a escrever é um ato indispensável, quando o educador demonstra afeto e usa de diferentes recursos, ele pode possibilitar que o aluno aprenda melhor e de forma mais prazerosa.

O aluno deve aprender a ter um pensamento crítico, a pensar e a interpretar o que está lendo. Isso será possível quando ele aprender a ler, e nesse caminho da leitura deve interagir com textos dos mais variados gêneros.

Diante disto, o professor precisa considerar a realidade de seus alunos, procurando a maneira que cada um aprende para melhor ensiná-lo. As vivências dos alunos e seus aprendizados anteriores farão que seus resultados sejam efetivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Memorial reflexivo: retratos e tempos vividos entre lugares na academia e na escola**, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/28912>. Acesso em: 11jun2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

DIAS, Aline Morgan de Queiroz. **O papel da afetividade no processo de Alfabetização**. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-afetividade-no-processo-de-alfabetizacao/152882>. Acesso em: 12 out 2021.

DIAS, Aline Morgan de Queiroz. **O papel da família no processo de aprendizagem**. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-afetividade-no-processo-de-alfabetizacao/152882>. Acesso em: 17 out 2021.

DWECK, Carol S. **Mindset: A nova psicologia do sucesso**. 1ª edição. São Paulo. Objetiva. 2017.

FRANZOLOSO, Mariana Ribeiro. **Existe indisciplina na educação infantil?** 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5828_2592.pdf. Acesso em: 11jun2021.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.

GRISPINO, Izabel Sadalla. **O que significa alfabetizar?**.2005. Disponível em: http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1301:o-que-significa-alfabetizar&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456. Acesso em: 07 out 2021.

PEREIRA, Ana Altina Cambuí. In: SILVA, Maria de Lourdes O Reis da. **O trabalho de conclusão de curso: constructo epistemológico no currículo formação, valor e importância**. 2010. Disponível em: http://fedathi.multimeios.ufc.br/rides/phocadownload/artigos_iiienforsup_adicionais.pdf. Acesso em: 11jun2021.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon#>. Acesso em: 01 out 2021.

SILVA, Michele Monique Morais da. **Alfabetização na perspectiva do letramento e as inter – relações entre alunos e professores**. Monografia [Graduação em Pedagogia] – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2021.